



Por seres tão inventivo e pareceres contínuo,

Tempo, tempo, tempo, tempo: És um dos deuses mais lindos

Coletivo GUAPES (marina, duds, gab, lau, mar, nine e sereno)

Ei, pra quem tá lendo! Esperamos que esse texto lhe encontre bem, ele é fruto de uma experiência coletiva de escrita. Nós, sete guapes, já nos conhecemos há algum tempo, no ativismo, na arte, nos bafos, nas terapias... cada qual desde um canto do país, nessa rede que é muito mais antiga e extensa do que podemos imaginar.

Começamos a nos constituir enquanto grupo mais ou menos formal no ano passado, quando a gente se viu mergulhada nesse tsunami que foi a pandemia e pensou em tocar um projeto de podcasts sobre saúde mental e autocuidado para ativistas trans. Enviamos essa proposta pra um edital gringo e a gente teve muita garra de ter continuado, ainda que de outras formas, mesmo sem conseguir esse recurso. O podcast ainda não saiu, mas a gente decidiu tentar construir um espaço de acolhimento entre nós, pra começar a desenvolver essas ideias sobre o autocuidado coletivo, mas principalmente para viver essa experiência na prática. Durante o ano, nosso empenho foi tentar nos constituir enquanto grupo, refletindo e praticando, pesquisando a partir de nossos corpos e relações. Como é possível estar juntas, respeitando e acolhendo o Tempo de cada ume?

As tardes de sextas são nosso momento de “suspirin”, quando nos encontramos para um respiro das tretas da vida, de nosso tempo sempre querendo ser capitalizado, mal considerado e mal remunerado. Nesses encontros, a gente constrói coisas muito necessárias, porque nós e nossa galera, que está constantemente sugada por demandas absurdas, precisamos muito criar modos de se manter de pé e seguir navegando. É bem bonito que nos encontros, nas trocas, nas conversas, vai surgindo uma pluralidade de estratégias, algo bem forte para lidar com tanta transfobia e outras barras que são difíceis de segurar sozinhas.

Quando vimos a chamada para a submissão nessa revista transviada, decidimos traduzir, de alguma maneira, o que temos produzido juntas. Marcamos alguns encontros online para aprofundarmos em nossas experiências terapêuticas e afetivas em grupo, como esse lugar de potência e de elaboração coletiva, de estarmos juntas como uma manada,



que se une em forças, carinhos e propósitos. Também trocamos sobre nossas inquietações e experimentações dos usos e não-usos da testo e sobre as perspectivas multiversas de se nomear e compreendermos e (des)construirmos nossos corpos e trânsitos de gênero.

Decidimos manter a escrita nesse tom oral, suave, de conversa, pra que você que está lendo se sinta pelo menos um pouquinho mais perto. Como também somos movidos pelo imprevisível, pela espontaneidade, surgiu essa prosa. Vem ver!

Nine: Agora acho que foi. Todo mundo se ouvindo? Cês tão bem? Como foi a semana de vocês? O que foram pensando pra esse encontro, ao longo da semana?

Gab: Eu posso comentar uma coisa. Não sei se todo mundo faz terapia ou se faz análise. Até porque são coisas mais ou menos diferentes... A psicanálise tem outra proposta de relação, entre o analista e a pessoa. Eu sou analista, né? O que eu queria comentar, na minha análise, minha analista é lacaniana, né? Aí, tem esse rolê que chama “tempo lógico”. Então, não é como se todas sessões fossem 50 minutos, assim como a gente vê nos filmes: “seu tempo acabou, continuamos nesse ponto na semana que vem”. Como se independente de onde que a pessoa tá falando ou não, tivesse que cravar ali e encerrar. Não. Na minha prática com psicanálise, o tempo é medido de outra forma, tem a ver com o que tá sendo colocado ali. Tipo assim, se a pessoa diz alguma coisa muito importante, a gente encerra ali. Fala: vamo ficar por aqui. Pra que ela leve com ela aquele impacto do discurso dela. É muito mais sobre a lógica do que tá acontecendo, do que com o tempo cronológico.

Lau: Qual é o nome disso?

Gab: Tempo lógico. Aí, ontem a minha sessão teve, tipo, cinco minutos. E é muito doido porque, para muita gente, isso é um absurdo né? A gente paga o mesmo valor! Tipo assim, independente de quantos minutos forem, a sessão tem o “mesmo” valor. Aí falam: nossa que absurdo! Você paga tanto por cinco minutos... Mas, a partir do momento que você está naquele jogo ali, você entende que os cinco minutos foram suficientes. Que era sobre aquilo. Aí queria ver com vocês como é essa lida com o tempo da sessão; se é uma coisa que vocês sentem, se vira um tema de reflexão...



Nine: A minha análise é bem parecida com a sua, e teve uma das sessões que durou vinte minutos. Foi a primeira que rolou com pouco tempo, e fiquei muito frustrado. Ela disse: “falou, valeu”. Foi a vez que eu escrevi onze páginas, não, sei lá... oito páginas em letra 11 e mandei pra pessoa. Mas é, tipo, porque a gente tava se conhecendo... Várias coisas. Hoje foi engraçado porque durou muito mais do que normalmente dura, sei lá, 50 minutos. Mas é isso, aos poucos, com o tempo, cê vai entendendo a parada. Às vezes você conversa umas coisas muito intensas, que tem que digerir muito depois, em cinco, dez, vinte minutos.

Lau: Faço análise também e eu acho muito engraçado, porque... sempre dura 38 minutos! E quando chega nos 38, tipo, exausto. Independente do que eu tiver falando. Isso deve ser porque eu sou muito, tipo, eu preciso saber que vai durar 38 minutos. Daí, acho que ela já percebeu também. Sempre 38 minutos! Assim, eu sou do método, e preciso saber exatamente quando vai acabar. Mas engraçado, porque não percebi assim... Não foi logo no primeiro dia, tipo: vou sempre falar 38 minutos. Mas logo fui percebendo: meu Deus! 38 minutos! Mas daí que eu percebi, óbvio que não consigo mais escapar.

Duds: Ai gente, eu sou o contrário. Não tô fazendo agora, mas quando eu tava, não sei se é análise, não sei diferenciar. Mas ela é junguiana. Dava cinquenta minutos, às vezes, até uma hora. Aí ela falava: “no próximo encontro...” e eu “O QUÊÊÊ? Já acabou? Já passou uma hora e eu ainda não falei nada!” Sou uma pessoa que gosta de falar né? Daí eu acho que pra mim é pouco. Principalmente quando acaba. Ter que esperar uma semana, já vão ser outras coisas. Eu entendo que faz parte, mas pra mim é um pouco frustrante acabar. Ainda mais que é numa sexta-feira, aí tem a semana inteiraaa. Se fosse segunda, acho que falaria menos, mas sexta, a gente está querendo né? Desabafar, no mínimo.

Gab: Será que tem essa diferença mesmo, entre o que é desabafo, o que é uma elaboração? A gente mesmo vai percebendo como em diferentes momentos a gente aciona diferentes discursos, né? Hoje eu tô aqui só pra reclamar, tipo... beleza, muito massa. A própria pessoa vai percebendo do que ela tá falando... É muito sobre isso. Se ouvir, de que lugar a gente fala, qual posição estamos ocupando.



Duds: Assim, eu percebo isso nos atendimentos que eu faço com a massagem, das pessoas que fazem com uma frequência né? Semanal, quinzenal. Nas primeiras vezes é isso, muito desabafo, uma torrente de coisas, sabe? Às vezes não consegue nem relaxar durante a massagem. Mas, com o tempo, já é muito mais tranquilo, sabe? As palavras já são mais... mais sucintas. A pessoa ainda vem, desabafa, mas já não tem as palavras desordenadas. Aí o relaxamento é outro, a respiração da pessoa é outra. Inclusive porque a massagem auxilia muito nesse processo, né? Eu percebo muito isso, também na minha trajetória com a terapia, mas também vejo que é muito do perfil das pessoas. Tem muita gente que às vezes fica esperando uma provocação, tem gente que chega já... aquela coisa tempestiva. Percebo que também fazia isso na análise, em diferentes momentos. Com o tempo você vai chegando numa conversa mais tranquila, você vai tocando em alguns lugares, como na massagem mesmo vai tocando. Aí você percebe este lugar que tem que tocar, que tem que trabalhar mais, às vezes de um jeito mais sutil, às vezes de um jeito mais intenso, né? Então eu percebo que são técnicas diferentes, terapias diferentes, mas que às vezes tem caminhos parecidos, como tocar em certos lugares, tanto físicos, quanto emocionais, espirituais, tal...

Gab: Muito massa!!! Isso me fez pensar em como que uma frequência, tipo assim, em como que uma continuação do processo é importante, né? Tanto na terapia, quanto na massagem, quanto no nosso espaço aqui, né? Assim, quando a gente se propõe a ter alguma repetição daquilo ali é que vai sendo possível também refletir sobre o processo, se posicionar de uma outra maneira, né? Entender melhor aquela dinâmica. A periodicidade ajuda a aprofundar... Tudo! Eu tava lendo hoje sobre calistenia, aquele tipo de exercício que usa só o peso corpo. E aí a frase do cara era essa: "Tudo na vida precisa de consistência". E na hora eu ri e achei engraçado. Mas é disso que a gente tá falando aqui também né, constância, consistência, dedicação. São qualidades importantes desse trabalho.

Sereno: Sim, eu acho que tem a ver também com uma percepção mais cíclica do tempo e menos linear, se você percebe o tempo como uma linha reta né, tipo assim, do zero aos 44 minutos ou aos 38 minutos, tipo... meio que você fragmenta a experiência, fragmenta o tempo. Quando você vai criando esses ciclos de repetição, seja repetindo as sessões, repetindo os encontros, dando uma continuidade pro diálogo você dá uma amolecida no tempo, né? Dá uma plastificada no tempo. Porque aí você pode voltar em outros pontos onde você passou antes - e aí justamente isso que você falou, observar os movimentos, se



deslocar, né? Ver, tipo: ai, eu pensava isso por essa perspectiva, mas agora eu já não sei, tô pensando assim. Mas eu não deixo de pensar do outro jeito também [...]

Gabz: Puts... que pena! A bixa caiu.

Duds: Caiu. Justo na hora que tava falando, mas assim, pra mim, eu sinto, eu percebi isso também, por exemplo: como a gente foi adiando essa conversa e não se encontrou no meio do caminho, eu confesso que dei uma desanimada... internamente, sem eu perceber mesmo. Eu vou colocando a minha energia em outros lugares. Então a coisa da constância pra mim é bem importante também. Não uma constância obrigatória, mas que eu incorporo no meu dia, né? Assim, nem que seja pra pensar sobre aquilo, faz muita diferença assim. E quando a gente consegue manter uma frequência dos nossos encontros, às vezes nem precisa ser no mesmo dia, é bom porque a gente se organiza porque né, a vida é toda doida. Quando a gente se fala, pelo menos no grupo mesmo, troca e conversa no grupo, pra mim já me traz mais. É... me sinto mais animado, com mais disposição, com mais presença também. E lógico, que também respeitando os dias em que não é possível e tal, mas eu sinto que faz muita diferença quando uma coisa tem uma frequência, sabe? Principalmente agora, acho que depois da pandemia fez muito mais sentido porque como a maioria das coisas são dentro de casa, né? Os encontros externos são dentro de casa, então pra não misturar muito minha rotina, minha rotina doméstica... a coisa da continuidade faz eu entender melhor, a gente até já conversou sobre isso nos encontros passados, sobre como que a gente tá entendendo nosso tempo agora sem essa coisa de sair tanto de casa quanto antes. Então, pra mim é um estímulo mesmo, uma motivação na verdade, isso da frequência.

Nine: Que lindo isso né, da frequência ser uma motivação, um estímulo, acho que vale pra várias atividades e coisas que eu gostaria de cultivar na vida, manter esse contato também quanto motivação, potência de vida, também...

Duds: Eu sinto que é como aprofundar também, porque a profundidade ela não vem imediata né, ela é muito sutil. Eu acho que a frequência traz esse lugar. Até pra gente conseguir trabalhar pra além das palavras, né? Acho que os encontros que não são tão frequentes ou que são mais pontuais e tal, a gente tem essa coisa, uma euforia de se encontrar, aí tem muita palavra envolvida, igual eu falei aquela coisa de que nos primeiros atendimentos as pessoas falam muito e depois a gente consegue se comunicar de outras formas também, até com o silêncio, ficam menos constrangidos com o



silêncio... Conseguem se comunicar até virtualmente de outras formas, sem ser com as palavras... eu acho que, hoje em dia, a gente vive outro constrangimento. Tipo, a gente tá numa videochamada e aí ninguém fala nada, aí fica aquela coisa... é mais difícil de lidar do que presencialmente, né? Porque a gente tá trocando de outras formas, então eu acho que eu tô aprendendo a fazer isso também virtualmente.

Nine: Eu sinto que essa frequência, pelo menos na terapia, tem me ajudado muito a organizar a minha rotina, assim. Eu sou uma pessoa que tem sempre muitas coisas acontecendo, né? E eu vou encaixando ao longo da semana o que que eu tô fazendo. Então, conseqüentemente, não ter uma agenda muito fixa, me deixa um pouco perdida no tempo, assim. E aí eu sinto esses encontros e a terapia como marcadores de tempo tipo mais fixos, constantes e também de auto-observação, assim né? Você consegue, tipo, se comparar, quanto tempo faz que eu tava me sentindo daquela forma? Como estou agora? sei lá... Tá sendo bom pra organizar várias funções.

Gab: Sim, teve um dia que a gente falou disso... por que descanso é só sábado e domingo? Por que a gente teria que seguir essa semana? Que outras divisões temporais, outros jeitos de viver o tempo dá pra gente criar? Claro que tem a rotina de trabalho, né? O dia útil, mas como ir burlando um pouco disso, criando outras marcações de tempo?

Nine: Eu tentei fazer um rolê muito engraçado que foi viver, organizar as coisas, de 48 em 48 horas, né? Que daí ia dar tempo de descansar, né? De me curtir um pouco, dar uma organizada e o que eu fiz foi procrastinar tudo! Tipo: ah, não, eu tenho 48 horas pra fazer isso, então tá! Eu vou fazer depois, depois quando eu vi eu tava levando três ou quatro dias pra limpar minha casa, sabe? Tipo, umas coisas assim que você vai embolando, sei lá...

Mar: Ai, gente. Essa fala de rotina e de tempo tá me deixando... me fazendo pensar que hoje eu devia cozinhar o almoço aqui. Aí eu pensei: "ah, tá! A gente grava uma hora, meio dia vou, dale rápido e não vou fazer almoço quatro da tarde pra outres, né! Só que... eu não sei, porque Marina não tá chegando, e a gente não tá começando... e eu não sei o que fazer! Tipo, eu super entendo... mas esse rolê da gente gravar isso, eu tô sentindo que tá se arrastando muito... Não que eu ache que a gente tem que gravar sem ele, necessariamente. Eu só tô compartilhando essa situação. Eu até me posicionei na cozinha, mas eu acho que vai ser difícil eu fazer isso e prestar atenção ao mesmo tempo... (risada nervosa). Eu tô numa rotina que eu tô trampado muito e eu não tô



prestando atenção... Nem sei quando é folga, porque eu não tenho fim de semana. Eu só vou trampano. Às vezes eu paro, mas tipo... percebo que tô num ritmo bem acelerado.

Sereno: É... eu tô percebendo os tempos muito loucos também. Tô sentindo que tô acumulando várias funções. Acho que até um período bem recente da minha vida, acho que final do ano passado, eu tava sentindo a minha vida bem estagnada, sabe? Assim, com coisas pra fazer e tal, mas tanto a minha energia meio estagnada, quanto até os outros movimentos mesmo, de trabalho e tal. Aí virou o ano e começou a acontecer uma coisa atrás da outra, corre de qualificação de doutorado, mudança de casa, trampo, freela de numseiquê, nossos encontros... Parece que tudo foi começando a acontecer. E rola um pouco essa coisa, num sei quê que cês acham, mas agora que a gente tá vivendo esse momento de consolidação dessa era digital, que a coisa já vinha numa crescente, e agora com esse negócio de pandemia a coisa se consolidou como a Norma do Rolê, né? Relações cyberpunk assim... aí rola essa coisa tipo: "você tá em casa, você tá disponível. Num tem que pegar ônibus..." Uma série de coisas que envolvia deslocamentos... então agora meio que a coisa é: você tem que tá disponível o tempo inteiro. E o próprio lance com as chamadas também, das pessoas te verem online, quererem falar com você e te cobrarem que você responda naquele momento. Agora tá todo mundo online praticamente o tempo inteiro, mas geralmente fazendo coisas. Inclusive procrastinando, porque, eventualmente, a gente precisa procrastinar e descansar também, né? Acho que tem essa linha tênue da procrastinação quando ela vira um negócio que começa a complicar a vida da gente. Eu sou um mega procrastinador crônico, então eu lido com isso bem cotidianamente, com essa dificuldade em me organizar com os meus tempos e cumprir os tempos que eu mesmo me proponho, eu vou me enrolando, às vezes... enfim. Mas também me preocupo um pouco com esse lance da nossa gravação. Eu tô num dia mega apertado, apresento seminário amanhã, tenho que vacinar e tenho uma aula a tarde. Nem sei como vou conseguir articular essas coisas todas... E hoje também é dia de feira, então eu preciso, no máximo, meio dia e meia, encerrar. Complexo, né? A gente não sabe o que rolou com o Marina... Não sei se a gente tenta marcar outro dia pra fazer a gravação... Acho que, de todo jeito, tamo gravando esse encontro e tamo brisando sobre coisas legais que eu acho que talvez podem integrar também essa nossa proposta. Acho que a gente precisa conversar pra entender o que fazer.



Nine: Eu gostei dessa proposta de a gente encerrar um pouco antes, meio dia. E ir brisando por aqui... Mil coisas se atropelando, tem que lidar com isso...

Gab: Eu sinto que a gente até já tem material! A gente pode escrever sobre nossos tempos. Gosto muito que o nosso grupo sempre tem sido um metagrupo. A gente tá sempre conversando sobre o que é ser um grupo, como que a gente vai conseguir ser um grupo, como que a gente vai conseguir fazer isso respeitando o tempo de cada um, sendo que cada um tá num canto do país, com um tipo de trabalho diferente, de rotina, exaustão, disponibilidade de saúde mental... Como que a gente não vai deixar ninguém pra trás, mas ao mesmo tempo vai continuar caminhando? Acho que hoje é só mais um retrato, né? Do que a gente é! Pra mim, já dá pra gente produzir algo a partir disso. Quando a gente tava pensando sobre essa gravação, já tinha aparecido várias propostas de escrever depois, por cima da transcrição. A gente muda o texto, ficciona que a gente pode ter falado! Não tem que ser uma transcrição literal, né? Marina pode contribuir! Sinto que é bom a gente já começar a transcrever, a dar um formato... porque o tempo tá apertado.

Lau: Eu tava pensando de seguir essa conversa num docs. Alguém abre lá, vê como tá a transcrição e insere uma parada. Alguém depois vai lá e conversa com essa pessoa. Talvez seja uma possibilidade pra gente conseguir trabalhar com esses tempos diferentes que a gente tem.

Duds: Já que a gente tem essa proposta de ficcionar, eu pelo menos entendo que é mais livre! Eu sinto que a gente vai colocar nesse docs coisas que a gente já falou em outros encontros... A gente sempre fala: "ah, a gente podia ter gravado isso!". Mas tá gravado, né? Tá incorporado. Entrando na proposta do que a gente ia conversar, do que que é esse grupo, pra mim... O que me fez querer estar aqui presente, primeiro, foi essa coisa de a gente respeitar nossas individualidades, particularidades de tempo... isso é muito importante. Isso, pra mim, já é a questão do autocuidado. E o que me provoca de estar sempre aqui é a disponibilidade. Eu sinto que ,quando a gente tá aqui, a gente tá presente. E quando não tá, ao mesmo tempo tá, de outra maneira. a gente lida com muito cuidado essa questão das imprevisibilidades. Nós somos pessoas que não vivemos scripts já escritos pra muita gente. Somos aqui exemplos vivíssimes que não somos, não seguimos script nenhum. A gente tá escrevendo o nosso próprio. E eu entendo que nossos encontros são muito isso também. A gente planeja coisas e é muito



importante se organizar, mas eu sinto que a gente lida de uma forma leve com as imprevisibilidades. E isso é o que me motiva de estar aqui também, de entender que nossa vida é cheia de imprevisibilidades mesmo. Pra todas as pessoas são assim, mas pra certas pessoas é muito mais, são muitos corres, muitas emoções, dores... Outras formas de perceber o tempo... Eu sinto que, pra mim, o que me traz estar aqui é a forma como tenho entendido o cuidado, inclusive dentro da militância. Tem a ver com esses respeitos e cuidados nesses lugares. E como a gente tem lidado com esses contratempos que têm surgido em relação à gravação. Acho que tem sido uma boa oportunidade de a gente... acho que podemos até escrever sobre isso: como foi ao mesmo tempo desafiante, mas sinto que estamos lidando com uma forma leve com esses contratempos. É, também, uma coisa que pode ser colocada, transcrita.

Nine: Acho que fica como todos os nossos encontros: mais fluido, menos rígido o processo.

Gab: Gostei. E eu acho massa porque, de alguma forma, todos nós trabalhamos com a escrita, né? Em vez de ser uma conversa falada, uma conversa escrita, tem um outro lugar também.... Escrever é diferente de falar. Acho legal experimentar esse outro tipo de conversa. É muito bonito pensar esse mix de formatos.

Sereno: Eu lembrei aqui de uns exercícios que eu participei ano passado. Teve um exercício que foi num minicurso que a Jota deu, que era um rolê de todo mundo se apresentar falando ao mesmo tempo, contando um sonho marcante que teve. Ela tava gravando e o rolê era que todo mundo abria o microfone e começava a contar ao mesmo tempo, trabalhando com esse lance da multivocalidade. Ela tá super nessa pira. Foi um exercício bem louco e bem legal, você ia contando o seu sonho e ouvindo fragmentos dos sonhos das outras pessoas, imaginando os seus fragmentos compondo ali, a fala. Acho que rolaria super fazer um experimento nesse sentido também. Acho que pra transcrever seja um pouco complicado. Um lance pra gente pensar. E um outro, foi num grupo de estudos que a galera abriu um documento que era bem legal, porque cada um escrevia e a letra saía automaticamente numa cor diferente. Todo mundo ia escrevendo coisas ao mesmo tempo, e aí você podia escrever onde outre tava escrevendo, alterar o texto de outre... E, depois, a gente conversou sobre esse exercício. Foi muito legal porque rolaram vários conflitos também. Uma galera mais apegada àquilo que tava escrevendo, à forma, e ficou meio bolada, porque tava lá mandando a poesia e aí



chegava alguém e escrevia alguma coisa tipo em cima, ou mudava o texto. E umas galeras que piraram na coisa de compor junto. Foi bem legal! Acho massa nisso que Lau falou também, porque alguém pode colocar nesse documento um trecho, ou uma história, ou uma narrativa, uma perspectiva e uma outra pessoa complementar isso, dar continuidade ou fazer um corte, sei lá.

Lau: E também nem tudo precisa ser transcrição né? Tipo, esse aqui vai pra uma revista, mas a gente pode usar um QR code que leva pra um lugar que a pessoa pode ouvir um áudio, uma gravação...

Sereno: Chique, high tech!

(risadas)

... Ainda assim acredito

Ser possível reunirmo-nos

Tempo, tempo, tempo, tempo

Num outro nível de vínculo

Tempo, tempo, tempo, tempo

Portanto peço-te aquilo

E te ofereço elogios

Tempo, tempo, tempo, tempo

Nas rimas do meu estilo

Tempo, tempo, tempo, tempo...

Esse é um gostinho dos encontros do GUAPES. Se quiser saber mais do que estamos confabulando, segue a gente no @guapes_trans. E não se esqueça, “aconteça o que aconteça, continue a navegar”.